

O português na fronteira com o galego

Maria Antónia COELHO DA MOTA

RÉSUMÉ

Le Projet «Étude des Variantes Verbales en Portugais Continental Parlé», que je dirige au Centre de Linguistique de l'Université de Lisbonne (CLUL) depuis fin 1999, s'est donné comme objectif central celui de l'étude de la variation morphophonologique du verbe (avec des extensions d'analyse morphosyntaxique), en portugais parlé. Cette étude est basée sur un *corpus* dessiné à partir des matériaux sonores du Groupe de Dialectologie du CLUL. Un deuxième objectif consiste en la comparaison des résultats obtenus dans la zone nord du Portugal avec le gallicien. A cette fin, nous avons recours aux données de l'*Atlas Linguistique du Gallicien (ALGa)* et à la bibliographie disponible sur cette langue.

Dans le présent texte, j'essaierai d'établir un certain nombre de comparaisons entre le portugais et le gallicien, limitant mes commentaires à une question très particulière – celle de la ligature phonologique entre verbe et pronom accusatif enclitique au verbe (*queremo-lo*, par exemple) et entre verbe et article défini, déterminant du nom objet direct du verbe (*quero o pão*, par exemple). Dans le *corpus* de portugais septentrional, il existe des variantes caractérisées par une consonne de ligature spécifique selon qu'il s'agit du premier ou du second contexte, donnant origine à des suites non-attestées en portugais standard. Me basant sur les formes de l'*ALGa* et sur des données complémentaires gentiment cédées par une collègue*, je ferai une ébauche de comparaison entre les phénomènes observés en portugais et ceux qui caractérisent le gallicien parlé dans les points d'enquête plus proches de la frontière avec le nord du Portugal, afin de délimiter des points de contact entre les deux variétés.

Mots clefs: Portugais, gallicien, verbes, grammaire contrastive, le pronom enclitique, article défini.

* Agradeço reconhecidamente a Rosário Álvarez, da Universidade de Santiago de Compostela, que pôs à minha disposição dados pessoais.

1. INTRODUÇÃO

O projecto «Estudo das variantes flexionais do verbo em português continental falado»¹, em curso desde finais de 1999 no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), tem como objectivo central o estudo da variação morfofonológica do verbo (com extensões para aspectos morfossintácticos), em português falado. Esse estudo é baseado, no que diz respeito às variantes não-padrão, num *corpus* desenhado para o efeito a partir do acervo sonoro do Grupo de Dialectologia do CLUL, recolhido em regiões rurais de todo o país. Um objectivo complementar do projecto consiste em comparar os padrões flexionais atestados na zona setentrional do português com os padrões do galego. Para tal, recorreremos ao *Atlas Lingüístico Galego (ALGa)* e à bibliografia disponível sobre o galego.

O estudo da variação interna constitui um contributo indispensável à descrição das línguas e ao desenvolvimento da teoria linguística. De facto, a consideração de variantes, a par de invariantes, permite chegar mais perto do sistema da língua e levar ao aprofundamento das próprias propostas explicativas, teóricas. Ou seja, avançar na definição dos princípios reguladores da linguagem e determinar com mais certeza os parâmetros específicos a cada língua. Ora, a quase totalidade dos trabalhos teóricos recentes sobre o português europeu (PE) toma como objecto apenas o padrão, pelo que se impõe desenvolver os estudos sobre a variação e a mudança em curso, nesta língua².

De facto, uma língua acolhe diferentes gramáticas, a que geralmente se chama variedades internas ou dialectos, gramáticas essas associadas a diferentes comunidades. Na formação dessas gramáticas, interferem factores geográficos, sociais e culturais, entre outros, e também históricos — as variedades do Norte de Portugal, por exemplo e em geral, são consideradas mais conservadoras do que as restantes, ao que decerto não é indiferente a própria história (linguística, mas não só) da região; por outro lado, e no que respeita ao PE da zona fronteira com a Galiza, a continuação dos contactos com o galego pode explicar a manutenção de um certo número de ca-

¹ Este projecto é dirigido por mim e conta com a colaboração da docente-investigadora Matilde Miguel e da mestrande Elisabete Soalheiro, que realiza a investigação destinada à sua tese de Mestrado, a apresentar à Faculdade de Letras de Lisboa, no quadro deste projecto e a quem agradeço todo o trabalho de audição e de transcrição do *corpus* de que me sirvo neste texto. Francisco Fernández Rei, da Universidade de Santiago de Compostela, e o Grupo de Dialectologia do CLUL são consultores do projecto, aos quais aproveito para agradecer a colaboração.

² No CLUL, está em curso um projecto de sintaxe dirigido por Ana Maria Martías, COR-DIAL-SIN, que utiliza, igualmente, os materiais sonoros do Grupo de Dialectologia.

racterísticas que diferenciam o português falado nessa zona do português padrão e que são identificadoras dessa variedade.

Se, na língua, há gramáticas em co-existência e em concorrência (entre as quais a gramática do «padrão») e se, no interior de cada gramática, há variantes em concorrência, impõe-se uma descrição rigorosa dessas gramáticas e da sua variação interna a fim de se dar um conteúdo ao conceito de «gramática do português», para que ela não se reduza a uma abstracção. Sendo embora um país tido como linguisticamente bastante homogéneo, Portugal conhece grande variação associada ao espaço e à sociedade; no entanto, para além do precioso contributo dos dialectólogos portugueses para o estudo da variação lexical e fonética, está quase tudo por fazer em termos de estudo da variação na morfologia e na sintaxe.

2. O PORTUGUÊS NA ZONA FRONTEIRIÇA COM O GALEGO

Para facilitar a referência ao português falado na faixa norte de Portugal, ao longo da fronteira com a Galiza, utilizaremos doravante a sigla PEI.

Dentro de PEI³, procuramos «a gramática» que tipifica essa região, conscientes de que, no seu interior, há variantes com distribuição geográfica irregular e de que a localidade de Castro Laboreiro constitui um caso particular, dadas certas características não partilhadas com o resto das localidades da mesma zona (para dar apenas um exemplo, é de notar o sistema acentual das formas verbais, idêntico ao do galego: *compravamos* [kõpreβámuʃ] vs *compravamos* [kõpráβemuʃ], nas restantes localidades —ambas as formas eventualmente com vogal alta na primeira sílaba). É evidente que (i) as características fonológicas, morfofonológicas e morfosintáticas que pesquisamos e que podem ser associadas à zona fronteiriça coabitam com características comuns ao português em geral —e ao padrão, se quisermos; que (ii) parte das características não-padrão se estendem a outras regiões. Daqui decorre, por um lado, que (iii) a gramática de PEI integrou muitos dos traços da variedade padrão que são, por isso, igualmente

³ As 10 localidades estudadas e que constituem o PEI são as seguintes: Vila Praia de Âncora, Moledo, Bade, Castro Laboreiro, Brufe, S. João do Campo, Pitões das Júnias, St. André, Travanca e Sonim, todas próximas da fronteira e constituindo pontos de inquérito para o ALEPG, ALiR e ALLP. As localidades do ALGa que tomámos como referência, para já, nesta primeira tentativa de levar a cabo um pequeno estudo comparativo, têm como limite norte os pontos P18, P19, P20, O10, O16, O18 e O17; como limite este, os pontos O17, O18, O21 e O24. Por ser interessante para a análise, referimos, esporadicamente, pontos do galego asturiano.

caracterizadores dessa gramática; por outro lado, que (iv), dentro das características não-padrão que o PE1 integra, parte é exclusiva e parte é partilhada com uma zona geográfica mais vasta. Assim, as variantes atestadas na gramática de PE1 são o resultado da manutenção de características de uma gramática antiga —umas mais específicas, outras menos, da zona em análise— e da absorção de características de expressão muito mais vasta, em português. Quando falamos de «gramática do PE1» estamos, assim, a referir-nos a uma gramática que coexiste com outras gramáticas, no espaço geográfico português, e que, com elas, forma um *continuum* geográfico.

Em PE1, há muita matéria para contrastar com o Galego. Por razões de limitação deste comentário, centrar-me-ei numa questão particular —a ligação entre verbo e pronome enclítico e entre verbo e artigo—, mas exemplificaria, apenas com dois casos, outros tipos de semelhanças e de diferenças. Assim, há atestações, em PE1, de variantes de flexão verbal conservadoras (tendo em conta o PE em geral) próximas ou idênticas a variantes do galego: *vós comprades* é uma variante que ocorre a par de outras —(i) *vós comprais*, variante partilhada pelo PE setentrional conservador e pelo padrão no seu registo muito formal, também atestada em galego; (ii) *vocês compram*, variante partilhada pelo PE padrão, pelo PE setentrional não-conservador e pelas variedades meridionais do PE, inexistente em galego. Por outro lado, ocorrem em PE1 variantes fonéticas dos morfemas de P6 (3.^a pessoa do plural) que, para além de não estarem atestadas nas outras variedades do PE, ocorrem apenas esporadicamente na Galiza, ou não ocorrem, de acordo com as informações que pude obter: *os ratos entram* -[tru] *cá dentro* (S. João do Campo: 3), *para lutarem* -[rĩ] *com o lobo* (Bade: 11), etc. Relembro que os finais de P6, em português, têm uma estrutura fonológica em /vogalN/ que, em forma fonética, corresponde a ditongos nasais: [ẽw̃] e [ẽj̃] e nunca a [vogal_{oral}n/ŋ]; as variantes atestadas em PE1 encontram, assim, explicação dentro do sistema do PE, mesmo aquelas cuja realização fonética é -[u] ou -[i], questão que não tratarei aqui.

2.1. A ligação entre final verbal e palavra seguinte, em PE1

Embora fosse interessante fazer uma análise que integrasse as ligações entre verbo terminado em consoante fonológica e palavra seguinte (pronome em ênclise e outras classes de palavras seguindo o verbo, nomeadamente o artigo definido) e entre pronome e verbo (pronome em próclise ao verbo) e pronome em próclise ao verbo e palavra anterior, de que existem

dados recolhidos, limitarei esta apresentação ao primeiro caso, de modo a poder aprofundar um pouco mais os comentários.

No *corpus* de PE1, existem variantes com uma clara especialização da consoante de ataque da sílaba correspondendo ao pronome em ênclise e da consoante correspondendo à ligação entre final verbal e vogal inicial da palavra, não pronominal, que segue o verbo. Ou seja, a consoante está condicionada pela classe da palavra seguinte e o próprio final verbal sofre truncações, ou não, consoante essas classes⁴.

Assim, e comparando as sequências verbo-enclítico acusativo e verbo-artigo definido, temos os seguintes casos, uns mais gerais e outros mais localizados mas que, no seu conjunto, considero serem tipificadores da gramática de PE1, melhor dizendo das variantes não-padronizadas que integram essa gramática:

1. verbo com final em /N/ (variantes fonéticas em ditongo ou em vogal nasal/oral) + enclítico: final verbal sem alterações⁵, enclítico com a forma fonética [lu]

querem-lo [kerẽ̃]lu] levar⁶ (variante padrão: *querem-no*)
prenderu-lo [prẽ̃dêru]lu] (variante padrão: *prenderam-no*)

- 1.1. verbo com final em nasal (variantes em ditongo ou em vogal nasal/oral) + artigo: final verbal sem alterações, artigo com a forma fonética [nu]

a lua *tem o* [tẽ̃]nu] quarto crescente (variante padrão: *tem o quarto*)
 eles *rezum o* [REZũnu] terço (variante padrão: *rezam o terço*)

2. verbo com final em /s/ + enclítico: final verbal sem alterações, enclítico com a forma fonética [u] ou [ju]⁷

⁴ Volto a referir que essas variantes co-ocorrem com variantes comuns ao padrão ou a outras variedades.

⁵ As variantes das formas fonéticas dos finais verbais são independentes do contexto à sua direita. Assim, quando me refiro a alterações, deve ler-se perda de segmentos de morfema (-/s/ de -/mus/) ou de morfemas (-/r/ de infinitivo).

⁶ As formas em itálico e sublinhado reproduzem variantes orais; obviamente, não são admissíveis pela ortografia oficial do português. Diferencio o pronome clítico do artigo, usando hífen no primeiro caso, seguindo as normas ortográficas gerais.

⁷ De notar que esta ligação se encontra em falantes pouco escolarizados, em todo o país. No entanto, a sua frequência em PE1 faz-me incluí-la como variante desta zona.

nós lavamos-a [lævémuzɐ] em água (variante padrão: lavamo-la)
temos-ias [témuzjɛz] nós (variante padrão: temo-las)

2.1. verbo com final em /s/ + artigo: /s/ > Ø, artigo com a forma fonética [lu]⁸

temo a [témulɐ] ervilha (variante padrão: temos a)
aquecemo a [əkɛsmulɐ] água (variante padrão: aquecemos a)

3. verbo com final em /r/ + enclítico: final verbal sem alterações

a) enclítico com a forma fonética [ju]

toca a chamuscar-ios [ʃɛmufkárjuʃ] (variante padrão: chamuscá-los)

b) enclítico com a forma fonética [lu]

o melhor é queimar-la [kejmárlɐ] (variante padrão: queimá-la)⁹

3.1. verbo com final em /r/ + artigo: /r/ > Ø, artigo com a forma fonética [lu]

andávamos a mata o [mɛtálu] pinto-cego (variante padrão: matar o)¹⁰

Em síntese:

⁸ A supressão da consoante /r/ de infinitivo pode acontecer, para além do contexto incluído em 2.1, quando as respectivas formas verbais são seguidas (i) do artigo definido na sua variante padrão: «nós *temo a* ervilha torta» ou (ii) de palavras de outras classes que não a dos artigos, inclusivamente quando começadas por consoante: «não *damo* nenhum», «nós *chamamo* ladrões», mantendo-se sempre a acentuação canónica nas formas verbais. Embora a sua supressão ultrapasse o contexto em 2.1, continua a ser relevante para a análise que essa truncação não ocorra com pronomes enclíticos, o que conduz a um contraste linguisticamente relevante.

⁹ Esta variante é muito menos frequente do que a anterior.

¹⁰ Numa pronúncia pouco cuidada ou quando o débito é rápido, falantes do padrão podem suprimir a consoante de infinitivo, seguida da forma padrão do artigo: «vou *busca* o pão», por exemplo, mas nunca usam a forma [lu] do artigo.

QUADRO 1

Final verbal	Pronome enclítico		Artigo definido	
	Manutenção do final verbal	Forma do enclítico	Manutenção do final verbal	Forma do artigo
em /N/	+	[lu]	+	[nu]
em /s/	+	[u], [ju]	-	[lu]
em /r/	+	{ju}, ({lu})	-	[lu]

Analisando estes dados, constata-se que quando o pronome está em ênclise ao verbo, a forma verbal se mantém sempre inalterada, o que constitui uma característica claramente diferenciadora em relação ao PE em geral; quando o artigo segue o verbo e tem como seu hospedeiro fonológico esse verbo, apenas o final de P6 se mantém inalterado. A ligação entre verbo e artigo é, igualmente, tipificadora de PE1¹¹. Por outro lado, é evidente que, como disse atrás, há uma diferenciação total das sequências verbo-enclítico e verbo-artigo, o que releva de fenómenos de marcação morfológica e morfossintáctica e não apenas de fenómenos fonéticos. De facto, e embora enclítico e artigo possam ter a mesma forma fonética (o que nos conduziria a uma outra questão, a da identidade ou não das formas fonológicas de ambas as formas), o final verbal é suficiente para distinguir as sequências entre si. No único caso em que o final verbal se mantém idêntico, a forma da palavra em ênclise é diferente: [lu] e [nu].

A manutenção de /N/ no final verbal, contrariamente a /s/ e /r/, mereceria também comentário, que renuncio a fazer agora, por questões de economia de espaço. No entanto, cabe um pequeno comentário: dado que um final em /N/, verbal ou de outra classe de palavras, seguido de outra palavra começada em vogal, implica ressilabificação e ataque nasal da sílaba correspondente à ligação («chegaram *naqui*», «também *no* fazem», «sem *no* saber», por exemplo), poder-se-á concluir que (i) a consoante de ligação e de ataque a essa sílaba [nu] corresponde a um fenómeno fonético de espriamento da nasalidade do final da primeira palavra à palavra seguinte. Talvez por terem uma dependência apenas fonológica e não sintáctica à palavra anterior se explique que estas palavras estão sujeitas a um fenómeno fonético mais geral e, logo, não-marcado. Esta constatação reforça o ca-

¹¹ Não quer isto dizer que algumas destas variantes não se estendam, geograficamente, para mais a sul; de qualquer modo, não ocorrem em PE padrão e meridional.

rácter marcado da forma [lu] do enclítico a um final verbal em /N/, seu hospedeiro fonológico e sintáctico.

2.2. A ligação entre final verbal-enclítico/-artigo, em PE1 e em GAI¹²

Com base, essencialmente, nas formas cartografadas no *ALGa* e em dados complementares gentilmente cedidos por uma colega¹³, tentarei um esboço de comparação entre o descrito no ponto anterior, relativo a PE1, e os dados do GAI. Esta comparação será, forçosamente, lacunar, dado ter-se iniciado há muito pouco tempo esta vertente comparativa do projecto em curso no CLUL.

Comecemos por um quadro comparativo da ênclise do pronome acusativo, que será seguido de alguns comentários:

QUADRO 2

Pronome enclítico					
PE1			GAI		
Final verbal	Manutenção do final verbal	Forma do enclítico	Final verbal	Manutenção do final verbal	Forma do enclítico
em /N/	+	[lu]	em /ŋ/	+	[o]
				-	[no]
em /s/	+	[ju], [u]	em /s/	-	[lo]
em /r/	+	[ju], ([lu])	em /r/	-	[lo]

Verifica-se que, na P6, e embora os fenómenos mais correntes no galego (inclusive padrão) sejam a supressão da nasal velar do final verbal e a realização [no] do enclítico —*collér*[ono], como em 4 das 12 localidades na fronteira assinaladas no *ALGa*—, em 7 dessas localidades a sequência verbo-enclíto mantém a consoante final do morfema de pessoa e o pronome realiza-se [o] —*collér*[oŋo]. Esta última variante aproxima-se mais das de PE1 no que diz respeito à manutenção do final verbal, mas nem esta nem a anterior se assemelham às assinaladas em PE1, do ponto de vista da forma

¹² Para pôr em paralelo as duas zonas dos dois lados da raia, adopto GAI para me referir ao galego falado nos pontos referidos na nota 3.

¹³ Agradeço reconhecidamente a Rosário Álvarez, da Universidade de Santiago de Compostela, que pôs à minha disposição dados pessoais.

do enclítico. Curiosamente, é no galego asturiano, geograficamente tão distante de PE1, que surge uma variante próxima dele: *collér*[oŋlo]. A ocorrência única de *collér*[oŋlo], no *ALGa* e na zona de GA1, embora se distancie de PE1 pela forma do enclítico, mantém igualmente a consoante final do verbo, donde poderemos afirmar que em 67% dos casos analisados não há truncção da forma verbal, como em PE1. No galego das Astúrias vamos, de novo, encontrar semelhança com PE1: *colléro*[nlo].

Quanto à P4 e ao infinitivo com pronome em ênclise, verifica-se que, no GA1, há uma única forma para cada caso, com as características comuns da truncção da consoante final do verbo e da forma [lo] do pronome enclítico: *vím*[olo] e *canta*[lo], respectivamente. Conforme os dados do *ALGa*, em Astúrias e León existe a variante de P4 *vím*[oŋlo] que mantém a consoante final do verbo, como acontece em PE1, embora a forma do enclítico seja diversa.

Desta breve comparação, ressalta que as variantes de GA1 relativas a finais verbais em /s/ e /r/ e enclítico são idênticas às do PE padrão¹⁴ e que, nas relativas à P6, embora o ataque da sílaba correspondente ao clítico em ênclise seja uma consoante nasal, como em PE padrão, só em casos periféricos (*collér*[oŋno]) é que o final verbal se conserva intacto. Tal não é decerto independente do facto de, em PE, /vogalN/ se resolver em ditongos nasais e de, em galego, o facto de se manter a consoante nasal provocar uma sequência de duas consoantes nasais (velar e alveolar), provavelmente problemática.

A forma do *ALGa* *cant*[aŋ a] *rianxeira* é a mais frequente na raia; em segundo lugar, vem *cant*[ana] *rianxeira* (alguns pontos de Pontevedra e três pontos de Ourense), com consoante alveolar. Em ambos os casos, a artigo tem a forma [o].

Relativamente à P4, *cantámos os números* é a variante mais frequente em GA1; as restantes variantes têm uma expressão muito reduzida: *cantámo-los números*, variante padrão, só ocorre em duas localidades; *cantam*[oo]s *números*, com supressão da consoante final do morfema de pessoa e com decorrente hiato com o artigo, só ocorre num ponto da rede de GA1 (O30). Apesar

¹⁴ Cumpre notar que a realização [ju] do enclítico, em PE1, pode ser explicada pela semivocalização da consoante líquida, por razões silábicas: visto que /s/ e /r/ se mantêm no verbo, obter-se-ia P4 /muslu/ e INF /arlu/, /erlu/ ou /irlu/, o que levanta alguns problemas de estrutura silábica que, por economia de espaço, não desenvolverei. No entanto, há resquícios de formas com esta estrutura silábica, como disse antes. A hipótese da inserção de glide entre /s/ e /r/ e enclítico não parece tão explicativa como a anterior, dado existirem casos de P4 com o enclítico [u] («[sikémuzé] no monte», por exemplo), que, embora menos frequentes, mostram estar a fricativa disponível para funcionar como ataque da sílaba do enclítico. Assim, poderá concluir-se que nas variantes com [zju], o pronome tem a forma /lu/ e a líquida semivocaliza e que, nas variantes com [zu], o pronome tem a forma /u/, padronizada. Tal não será estranho se pensarmos que, em PE1, co-ocorrem variantes específicas à zona da fronteira, à zona setentrional em geral e ao PE padrão.

QUADRO 3

Artigo definido					
PE1			GA1		
Final verbal	Manutenção do final verbal	Forma do artigo	Final verbal	Manutenção do final verbal	Forma do artigo
em /N/	+	[nu]	em /ŋ/	+	[o]
em /s/	-	[lu]	em [s]	+	[o]
				-	[lo]
em /r/	-	[lu]	em /r/	+	[o]
				-	[lo]

da sua marginalidade, optei por comentá-las e mesmo por integrar a primeira delas no Quadro 3, a fim de chamar a atenção para o facto de, embora com pequeníssima expressão em GA1, ela constituir um ponto de semelhança com PE1. Sendo a forma do galego padrão e havendo muitas atestações da variante correspondente em PE1, é curioso que seja pouco frequente nesta zona e que, pelo contrário, a forma não padronizada (*cantámos os números*), idêntica à do PE padrão, seja a mais frequente. Cabe aqui notar que não foi feita, ainda, uma contagem rigorosa de formas padronizadas em PE1 de modo a poder afirmar qual a mais frequente: a padronizada («metemos as vacas no curral») ou a típica da zona setentrional («aquecemo la água»). No entanto, o certo é que esta última está atestada na generalidade das localidades de PE1, enquanto que a correspondente galega apenas ocorre nos pontos P31 e O27 do ALGa e da zona em estudo. Quanto à variante *cantam[oo]s números*, não a considere no Quadro acima por ter uma única ocorrência e porque, embora o mesmo tipo de realização esteja atestado em PE1, entendo que, nesta variedade, a supressão da fricativa não tem relação directa com a palavra seguinte ser um artigo. De facto, e como já referi na nota 8, essa supressão tem lugar em contextos muito diferenciados: «*dizemo ferida*», «*apertamo na mão*», «*nós vencemo a nossa*», «*nós chamamo alí assim a varga da videira*», etc., pelo que me parece descabido apontá-la como uma variante típica da sequência P4-artigo, este com dependência fonológica ao verbo.

Com o infinitivo, dá-se uma repartição mais equilibrada, em GA1, entre duas variantes: *cocer o pan* (todos os pontos de Ourense e um ponto de Pontevedra) e *coce-lo pan*, forma padrão (todos os pontos de Pontevedra, alguns pontos de Ourense).

Assim, e estabelecendo alguns paralelos entre as variedades PE1 e GA1, ocorrem os seguintes comentários: (i) com a P6, estando a consoante nasal disponível para o ataque da sílaba cujo núcleo é o artigo, e sendo o artigo uma vogal, obtém-se uma sílaba [ŋa] ou [na]. Em PE1, como vimos, a forma verbal mantém-se intacta, como em GA1, e a nasalidade do último segmento do morfema de pessoa estende-se ao artigo; (ii) com a P4, em GA1 temos como variante mais frequente aquela que mantém a forma verbal sem truncção (contrariamente ao PE1, como foi já referido), sendo que a consoante fricativa serve de ataque à sílaba que tem o artigo /o/ como núcleo. A outra variante atestada é perfeitamente idêntica à de PE1 (GA1: *cantámo-los números*, PE1 «*temo la ervilha*»); (iii) com o infinitivo, há uma forma idêntica de ambos os lados da fronteira: truncção do morfema de infinitivo e artigo [lo] (GA1) e [lu] (PE1) e uma variante exclusiva do GA1 (mas idêntica à do PE padrão) com manutenção do morfema de modo e artigo [o].

No Quadro seguinte, procuro sintetizar a comparação entre PE1, naquilo que tem de exclusivo (ou quase, visto a área de ocorrência de certas variantes poder estender-se para mais ao sul) e GA1, relativamente ao pronome enclítico e ao artigo. Simultaneamente, este Quadro permite visualizar as semelhanças e diferenças entre forma verbal-pronome e forma verbal-artigo, dentro de cada variedade, sendo claro, por exemplo, que formas pronominais com consoante líquida inicial correspondem sempre, em GA1, e quase sempre em PE1, excepção feita à P6, a finais verbais truncados; este fenómeno faz parte da gramática do padrão do galego e do PE, só que, no galego, esse fenómeno apenas ocorre com enclíticos e, no PE1, só com artigos. Já não é verdadeiro o inverso: quando a forma verbal é mantida na sua integralidade, no GA1 há uma grande regularidade na selecção de [o], seja pronome ou artigo, enquanto que em PE1 não é esse critério que prevalece: nunca ocorre a forma [u], tomando maior relevância a distinção de classe de palavras, de funções e de dependência sintáctica ao verbo: [lu] para enclítico, [nu] para artigo. A excepção que P6 constitui, por outro lado, corresponde exactamente a uma característica de PE1, só num caso partilhada pelo GA1 —a da manutenção da forma verbal completa quando seguida de pronome enclítico, como já referi repetidamente.

Conclui-se que as variantes verdadeiramente caracterizadoras de PE1, no sentido em que não são partilhadas por outras variedades do PE, pelo menos padrão e meridionais, não têm equivalentes sistemáticos com GA1.

Se tomarmos, no entanto, em consideração as variantes que, em PE1, são comuns ao padrão, temos mais pontos de contacto com o GA1; dito de outra forma, há muitos pontos de contacto entre GA1 e o chamado PE

QUADRO 4

	Pronome enclítico				Artigo definido			
	PE1		GAI		PE1		GAI	
Final verb.	Manut. final V.	Enclítico	Manut. final V.	Enclítico	Manut. final V.	Artigo	Manut. final V.	Artigo
P6	+	[lu]	-	[no]	+	[nu]		
			+	[o]				+
P4	+	[ju], [u]			-	[lu]		
			-	[lo]				-
INF	+	[ju]			-	[lu]		
			-	[lo]				-
							+	[o]

padrão, que talvez seja a variedade que, em português, reúne os traços comuns a todas as variedades:

QUADRO 5

Artigo definido						
PE1			GAI (ALGa)			
Final verbal	Manutenção do final verbal	Forma do artigo	Final verbal	Manutenção do final verbal	Forma do artigo	
em /N/	+	[u]	em /ŋ/	+	[o]	
	«atrás, ficam os presuntos»*			cantan a rianxeira		
em /s/	+	[u]	em /s/	+	[o]	
	«metemos as vacas»*			cantámos os números		
	-	[lu]		-	[lo]	
«chamamu la névoa»		cantámo-los números				
em /r/	+	[u]	em /r/	+	[o]	
	«para limpar a uva»*			cocer o pan		
	-	[lu]		-	[lo]	
«ceifa lo trigo»		coce-lo pan*				

* Variantes padronizadas.

QUADRO 6

Pronome enclítico					
PE1			GA1 (ALGa)		
Final verbal	Manutenção do final verbal	Forma do enclítico	Final verbal	Manutenção do final verbal	Forma do enclítico
em /N/	+	[nu]	em /ŋ/	-	[no]
	«dobravam-nas assim»*			collérono	
	+	[lu]		-	-
	«uns <i>botam-las</i> no adobo»				
	-	-		+	[o]
				collérono	
em /s/	-	[lu]	em /s/	-	[lo]
	«nós aqui queimamo-lo»*			o lobo, vímolo	
	+	[u], [ju]		-	-
	«nós <i>secamos-a</i> no monte» « <i>temos-ias</i> nós»				
em /r/	-	[ju]	em /r/	+	[lo]
	« <i>queres deixá-la</i> andar»*			cantalos	
	+	[ju], [lu]		-	-
	« <i>é de lamber-io</i> » « <i>é melhor queimarla</i> »				

* Variantes padronizadas.

Muito fica por dizer, nesta tentativa de analisar PE1 e GA1 de um ponto de vista comparativo. A continuação do trabalho trará, espero, mais certezas e respostas a muitas questões em aberto.

